

An-archai: a pesquisa

O grupo de perplexidade *an-archai* surgiu há quatorze anos a partir das variedades da curiosidade pelo ingovernável. Suas discussões e investigações foram por muitos caminhos na filosofia contemporânea, do esforço an-arqueológico ao ativismo da Terra, da proximidade à opacidade, do horror ao patriarcal à natureza da dissidência, da diferença sexual ao começo que não comanda, do acelerado ao contra-colonial. É uma alegria apresentar este número de *Das Questões* com textos oriundos dos trabalhos de teses, dissertações e outras pesquisas completas e em andamento associadas ao *an-archai*. É para celebrar essa constelação que este volume aparece. Essa apresentação é um pequeno aceno de gratidão por poder acompanhar essas trilhas que vocês que escrevem nessas páginas estão desenhando.

A revista *Das Questões* ela mesma vem sido cuidada pelo *an-archai* e mostra um pouco dos seus ares em seus números. Mas esse volume é de alguma maneira mais interno. Começa com textos sobre quatro teses de doutorado defendidas nos últimos dois anos: *Materialidade, maternidade e outras matrizes*, de Alice de Barros Gabriel; *As vertigens da granularidade: as insuficiências de Harman, de Simondon e o caráter situado da individuação*, de Jadson Alves de Freitas; *(Po)ética da opacidade: raça, memória e espectro*, de Elzahrã Omar Osman (Zahra) e *Primeiro esboço de um tratado de metametafísica: introdução ao realismo complexo*, de Otávio Maciel. Alice discute o matricídio no pensamento ocidental e sua relação com o desgosto com a matéria a partir de textos de Luce Irigaray e Adriana Cavarero para pensar como a maternidade pode ser reconfigurada de modo feminista seguindo controvérsias que se seguiram da ideia de mecanização da biologia da maternidade feita por Shulamith Firestone. Jadson fricciona o pensamento granular da ontologia orientada a objetos de Graham Harman com a suspeita com respeito a toda individuação formulada por Gilbert Simondon para argumentar que indivíduos são uma forma situada de medição, que grãos são graus que não podem ser identificados senão a partir de uma localização. Zahra provoca um encontro entre a

desconstrução da tese da transparência promovida por Denise Ferreira da Silva com o direito à opacidade formulado por Édouard Glissant para pensar uma (po)ética a partir de espectros mobilizados pelo pensamento contra-colonial para lidar com a insistente violência total associada aos marcos conceituais pós-iluminista. Otávio formula um realismo complexo que expande o escopo dos realismos a partir de ideias de Nicolai Hartmann, Alfred Whitehead e Bruno Latour que permitem complexificar a feitura da realidade sem torná-la um sonho, um epifenômeno ou uma quimera – ecologizar a metafísica, no slogan que a tese propõe.

Seguem dois textos sobre teses em andamento do *an-archai*: *Entre o dispêndio e a economia geral: uma crítica à excepcionalidade humana a partir de Bataille*, de Barbara de Barros e *Começo* de André Arnaut. Barbara se coloca a pensar a relação entre dispêndio como economia restrita em Georges Bataille e a devastação do planeta enquanto André se pergunta o que está prenhe no começo procurando o incontável na esteira de Martin Heidegger, Emmanuel Levinas e François Laruelle. Em seguida há um texto de Damares Pinheiro em que ela retoma sua dissertação de mestrado, *O domínio de Tamerlão: presságios aceleracionistas em Marx*, onde ela procura traçar a pré-história do aceleracionismo antes dos textos dos anos 1970 (de Gilles Deleuze e Félix Guattari, François Lyotard e Jean Baudrillard) bem como seu efeito contemporâneo. Segue-se um texto sobre *A linguagem como vírus: uma leitura do Experimento Xenotexto de Christian Bök*, de Antonio da Mata onde o arquivo biológico e o texto literário se friccionam já que são vizinhos no que diz respeito ao entorno do código. Os quatro textos subsequentes tratam de dissertações em andamento, de Antonio Bruno da Silva, Joaquim Barbosa, Gabriel Pacheco e David Campos sobre a autoridade do arquivo, a colonialidade do senso de história, a produção e o registro ameríndios e a messianicidade antropofágica respectivamente. O volume se encerra com dois textos, de Carlos Henrique Carvalho e Isabel Muller, que estão em suas graduações, sobre afro-pessimismo e sobre heteronomia sem servidão e simpoiesis.

Gostaria também de celebrar a memória de Fran Demétrio que fez seu pós-doutorado junto ao grupo nos anos 18 e 19. Ela deixou pistas, insinuações e inspirações quando interagiu com muitas das pessoas que escrevem nesse volume. Seu espectro segue voltando. Por fim, queria agradecer a Luciana Ferreira, uma das fundadoras do an-archai, que ofereceu uma imagem de Quase notas para quase pensamentos que figura na capa desse

número. Uma imagem repleta de entrelinhas com as quais os textos abaixo de alguma maneira entrelaçam.

Hilan Bensusan

Brasília, 29 de outubro de 2023